

21/12/97

Jurino

Ecoturismo e globalização

Marcelo Cordeiro *

O Brasil é, reconhecidamente, o país detentor da maior diversidade biológica do planeta. No seu imenso território encontra-se algo em torno de 20% do total das espécies da Terra, o equivalente a cerca de 22% da flora, 10% dos anfíbios e mamíferos e 17% das aves do mundo. Metade da maior floresta tropical do globo, a Amazônia, está no território brasileiro, bem como a

mais abundante zona inundável da América do Sul, o vistoso pantanal mato-grossense, além do interminável "festival de rendas brancas" em que se constitui a nossa orla oceânica. Nos vastos sertões da caatinga e do cerrado e nos campos do Sul, a nossa geografia revela uma surpreendente endemia de plantas e bichos.

Se o tamanho, o dinamismo e o próprio grau de modernização da economia brasileira não provocassem uma inserção do País no novo mundo globalizado de que tanto se fala, a biosfera nacional introduz o

Brasil no interior dos dilemas ecológicos da modernização global.

Os recursos que as nações mais ricas do mundo estão dispostas a conceder para financiar os programas de proteção às florestas brasileiras devem estar associados ao valor a ser atribuído à bio-

Metade da maior floresta tropical do globo, a Amazônia está no território brasileiro

diversidade. As sociedades ricas promoveram desastres ambientais por intermédio do incentivo estrutural aos padrões perdulários e destrutivos de produção e consumo e os pobres – habitantes da Amazônia, do Pantanal ou dos 8% de mata atlântica que ainda nos restam – não podem ser considerados responsáveis pelos riscos que corre o meio ambiente planetário, ainda que o crescimento populacional que apresentam possa ser considerado uma ameaça.

O problema, então, está nos padrões de produção e consumo, em

criar um estilo de vida para os povos afluentes e um novo estilo de vida para os pobres que permitam a estes desenvolver-se através de economias sustentáveis.

É nesse sentido que desponta o pensamento radical e renovador de Anthony Giddens: "A princípio parece estranho falar em 'estilo de vida' relacionado aos pobres do mundo; mas uma reação à pobreza hoje não pode ser considerada puramente econômica. A questão sobre 'como viver' em um meio globalizante no qual a cultura local e os recursos ambientais estão sendo desperdiçados possui, na verdade, uma importância específica para os pobres. Uma luta por autonomia, por autoconfiança, é também uma luta pela reconstituição do local como meio primordial, muitas vezes o único, para evitar a privação e o desespero endêmicos".

Trata-se de criar economias ambientais gerativas de um novo estilo de vida e não apenas de

ecologia de restauração ou de preservação de regiões selvagens "definidas como terras ou águas em estado natural praticamente sem modificações devidas à atividade humana", pois estas últimas seguramente comprovarão que a continuidade do estilo de vida produtivista e a pobreza desesperada de comunidades que lutam pela sobrevivência decretarão a inutilidade de todos os esforços. Configura-se aí o título do famoso livro de B. Erler: "L'aide qui tue" ("O auxílio que mata").

O mundo global pós-escassez ceifa empregos tradicionais, principalmente na indústria. Todavia, é mais pertinente afirmar que a globalização da economia cria empregos antes inexistentes.

Um dos campos em que o emprego faz ligação sistêmica entre o local e o global é o do turismo sustentável em áreas naturais. O ecoturismo induz à contenção do processo de destradicionalização, através do qual as comuni-

dades humanas mergulham no destrutivo cultural ao impacto dos valores globais ou dos riscos artificiais externos que se abatem sobre a sua tradição e seu ambiente natural. "A dissolução da tradição... entrelaça-se com o desaparecimento da natureza."

Trata-se de salvaguardar as tradições a fim de salvaguardar a natureza, concedendo um tratamento econômico que não considere a natureza como algo intrínseco, mas como um valor essencial para a sobrevivência das comunidades locais e objeto da curiosidade e do bem-estar global de toda a humanidade.

O ecoturismo é uma alternativa ao desenvolvimento produtivista, já que sua meta é conter o dano ambiental, manter ou reinserir a comunidade em seu contexto ecocultural, disponibilizar o ecos-

sistema em escala mundial para a satisfação da reflexividade social moderna sobre o valor da diversidade biológica para as gerações presentes e futuras.

O World Ecotur'97, congresso que está sendo realizado no Rio-centro, Rio de Janeiro, nesta semana, entre os dias 15 e 18, contará com a presença dos ministros Gustavo Krause e Francisco Dornelles, além do presidente da Em-

O ecoturismo é uma alternativa ao desenvolvimento produtivista - sua meta é conter o dano ambiental

bratar, Caio Luiz de Carvalho. Eles vão aproveitar a ocasião para apresentar à opinião pública nacional e internacional as linhas mestras da política brasileira do ecoturismo, cujo conteúdo profundo e moderno poderá ter o condão de despertar as nações ricas para o valor da biodiversidade brasileira e o estilo de vida que a prática do turismo sustentável pode inaugurar em favor da emancipação das comunidades pobres das florestas, dos pântanos e das praias.

* Historiador e consultor de empresas.